

“PROTEGE! TANTO ELES MATA COMO PROTEGE”: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE UMA MÃE SOBRE VIDA, VIOLÊNCIA E ASSASSINATO DE TRÊS FILHOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BAIXA GRANDE

“PROTECT! THEY BOTH KILL AND PROTECT”: MOTHER’S MEMORIES AND NARRATIVAS ABOUT LIFE, VIOLENCE AND MURDER OF THREE CHILDREN IN QUILOMBOLA COMMUNITY BAIXA GRANDE

Edna Balbina dos Anjos dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo narrar as experiências vividas por uma mãe, mulher negra, que cumpriu o doloroso dever de sepultar três dos seus setes filhos no período de cinco anos, vítimas da violência, sendo que dois deles foram assassinados pela Polícia Militar. A intenção com a pesquisa é possibilitar que a mãe tenha a oportunidade de contar sobre as experiências de vida dos filhos assassinados para além das histórias estereotipadas que circulam pelos meios de comunicação. Além disso, a pesquisa em si objetiva apontar os desdobramentos da presença da Polícia Militar nas comunidades negras e, neste caso, uma comunidade quilombola no município de Muritiba, no Recôncavo da Bahia, além de tecer a narrativa de reestruturação do luto materno diante do processo de perdas.

PALAVRAS-CHAVE: mãe; negritude; quilombo; violência policial; memória.

ABSTRACT

This work aims to narrate the experiences lived by a mother, a black woman, who fulfilled the painful duty of burying three of her seven children over a period of five years, victims of violence, two of which were murdered by the Military Police. The intention with the research is to allow mothers to have the opportunity to talk about the life experiences of their murdered children, beyond the stereotypical stories that circulate in the media. Furthermore, the research itself aims to point out the consequences of the presence of the Military Police in black communities and, in this case, a quilombola community in the municipality of Muritiba, in Recôncavo da Bahia, in addition to weaving the narrative of restructuring maternal mourning in the face of the process of losses.

KEYWORDS: mother; blackness; quilombo; police violence; memory.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRB) e graduada em Ciências Sociais (UFRB). E-mail: ednaanjos@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1781-0788>.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

INTRODUÇÃO

Este trabalho vem no intuito de nos permitir falar, escrever e trazer à tona histórias de vida que, como tantas outras marcadas pela violência contra a população negra, contra jovens homens negros, ficam “debaixo do pano” quando o protagonismo de uma história distorcida toma proporção de verdade. O assassinato de pessoas negras mundo afora é seguido por um roteiro sempre muito parecido, em que o assassinado ou assassinada é um criminoso ou uma criminoso que constantemente põe em risco vidas dignas de proteção. É assim que ouvimos falar sobre essas vítimas. Na sugestão de Luciane Rocha (2016), a morte das pessoas negras é naturalizada e muito bem aceita como necessária para a manutenção da ordem social. Para Rocha,

o indivíduo negro é visto como um criminoso inerente e, como autor e causa de sua própria condição. O único tratamento possível seria, portanto, a sua eliminação. [...] Negritude informa o modus operandi da polícia em sua relação com a população negra, criminalizando-os, matando e encarcerando uma estratégia que tem como alvos principalmente a juventude negra, originalmente os filhos de mães negras (L. Rocha, 2016, p. 180).

Aqui temos como intenção - digo temos porque escrevo em parceria com a protagonista dessa história - narrar as memórias de uma mulher negra que no período de cinco anos enterrou três dos seus filhos², sendo dois deles assassinados pela Polícia Militar. Se trata das narrativas de Maria³, uma mulher da comunidade quilombola de Baixa Grande, no município de Muritiba, estado da Bahia.

Os territórios quilombolas são pensados em aspectos de pesquisas relacionadas ao trabalho rural, garantias de direitos, cultura, educação e outros temas parecidos, dando menos ênfase nos termos da violência que se instaura em nossas comunidades. A falta de visibilidade aos crimes de morte que ocorrem nestes territórios pode influenciar na prerrogativa dos meios de comunicação que divulgam noticiários que violentam mais

² Ninho, Leninho e Ildo são nomes fictícios criados no ato da escrita para manter em sigilo a identidade das vítimas. Assim como o nome de todas as pessoas que aparecem no texto.

³ Nome fictício criado no ato da escrita para manter a identidade da interlocutora em sigilo.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

uma vez a família enlutada e contribui para que o senso comum seja tomado pela ideia formulada por tais canais, como apontam Brasiliense e Ribeiro (2006), dando legitimidade à fala que opera a ordem.

Quando debate sobre a *descartabilidade de corpos negros*, Jaime Amparo Alves (2016, p.61) informa que, “apesar de perturbadores, os números de assassinatos de negros nas favelas pela polícia, são ‘apenas’ aspectos da reiteração mundana dessa descartabilidade na sociedade brasileira”. As favelas representam de maneira proliferada os fatos correntes nas comunidades rurais, se pensarmos em relação aos números de morte que ocorrem em seu espaço, assim sendo, a violência é presente nos espaços habitados por corpos negros.

De acordo com Aganju (2020), a ação letal da polícia em São Paulo é operacionalizada através de uma concepção de segurança pública que dirige uma gestão urbana do medo, fincada no massacre e na punição racialmente seletiva da juventude negra. Do mesmo modo, Alves (2016) articula o pensamento em relação às pegadas genocidas espalhadas nos estados brasileiros nessa lógica da política de morte e terror. Como o autor retrata, “jovens negros estão expostos onde conseqüentemente perdem a vida, numa execução de política pública que sob a justificativa de manter a ordem executam matanças” (Alves, 2016, p.61), como ele próprio observa “a violência policial assume uma dimensão muito particular da soberania estatal de decidir quem morre no Brasil” (Alves, 2016, p.61).

Pensando a presença da mulher negra nas representações raciais relacionadas ao crime, Alves (2016) sinaliza que o genocídio de jovens negros no Estado brasileiro cria sobre a mulher negra a referência de que são possuidoras de corpos geradores de violência. Uma vez que são essas mulheres genitoras da vida desses(as) meninos e meninas tratados(as) como descartáveis, observa-se a relação entre a mulher/mãe favelada e a mulher/mãe quilombola, quando “tais políticas operam sob um registro racial que associa os corpos das mulheres negras como geradores de violência e a favela como uma topografia do mal” (Alves, 2016, p.60). O útero em um corpo negro e feminino e a favela aparecem aqui como territórios do mal e, como tal, somente contidos por meio da morte.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Desta forma eu analiso como o útero, e neste caso, o útero de uma mãe negra, o primeiro lugar habitado pela pessoa negra, um habitat natural, designa sua condição social, numa divisão entre as pessoas que devem viver e as pessoas que devem morrer, instituindo o biopoder (Mbembe, 2018) em todo território nacional, onde a estrutura que sustenta a formação da nação designa à pessoa negra a condição de desnecessária. Contudo, pensar e agora escrever sobre estes aspectos da insignificância da vida negra, esteja ela nas favelas ou nos quilombos, me remete a um trecho do livro *Necropolítica* (2018), no qual o autor analisa a efetivação da força pelo Estado para manutenção da ordem em sua civilização. Da seguinte forma ele estabelece:

As colônias são semelhantes às fronteiras. Elas são habitadas por “selvagens”. As colônias não são organizadas de forma estatal e não criaram um mundo humano. Seus exércitos não formam uma entidade distinta, e suas guerras não são guerras entre exércitos regulares. Não implicam a mobilização de sujeitos soberanos (cidadãos) que se respeitam mutuamente, mesmo que inimigos. Não estabelecem distinção entre combatentes e não combatentes [...] assim, é possível firmar a paz com eles. Em suma, as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização” (Mbembe, 2018, p. 34-35).

Essa falta de controle em *modus operandi* onde exercem a violência, me levou a considerar a simetria entre a condição da colônia apontada por Mbembe e nossas comunidades rurais negras, onde é possível para os agentes do Estado agirem dentro da lei e contra a lei, em contradição flagrante (Pinho, 2016) ou na ausência absoluta da lei (Mbembe, 2018) e ter a violência e a barbárie aceitas dentro das próprias comunidades. Assim, as comunidades, possivelmente sejam entendidas pela força do Estado como territórios sem organização, sem lei e sem dono que podem ser invadidos a qualquer momento.

Me remeto ainda ao trabalho de Leno Sacramento, no qual o autor e ator etnografia o terror vivido após ser alvejado por tiros disparados pela polícia baiana na capital do estado e que por proteção das forças espirituais não incorreu em sua morte, como o

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

mesmo ressalta. É importante observar uma passagem do livro em que Sacramento (2021, p.11) discorre que “assim como nossos antepassados seguiram e nos trouxeram até aqui, que se juntem a nós as novas gerações, e que nós tenhamos sabedoria para encontrar novas estratégias”. O livro, em sua composição, além de nos transferir ao dia em que Sacramento sentiu de perto a presença da própria morte, mas teve a oportunidade de continuar vivo, nos possibilita outros horizontes, a exemplo, a rede de apoio em volta da vítima, a história criada pelos executores do crime e que poderia vir a ser a história única e o desfecho que é a denúncia através do livro, de um episódio habitual nas comunidades negras, onde jovens negros são representados como criminosos natos (Alves, 2016). Sendo assim, o território negro, urbano ou rural, é marcado pela “presença fantasmagórica e assustadora da polícia” (Pinho, 2016, p.127), nos levando a analisar que o papel aterrorizante da instituição se dá na afluência de corpos e espaços negros, pois concordando com Avelar:

a negritude como corpo confunde-se com a negritude como espaço. Como um desvio ditado a partir do referencial de territorialidade branca, configuram-se territórios negros como ameaças permanentes ao seu oposto – espaços corpos brancos – que, por sua vez, são significados como belos, seguros e formais (Avelar, 2020, p. 54).

Em Quadros de Guerra, Judith Butler reflete sobre as vidas consideradas dignas de serem vividas. A autora observa que a normatividade estabelece que tipo de vida será digna de ser vivida, que vida será digna de ser preservada e que vida será digna de ser lamentada.

Essas formas de encarar a vida permeiam e justificam implicitamente as guerras contemporâneas. As vidas estão divididas entre aquelas que representam determinados tipos de estado e aquelas que representam ameaças à democracia liberal centrada no Estado, de tal modo que a guerra possa então ser travada de forma legítima em nome de algumas vidas, ao mesmo tempo que se pode defender de forma legítima a destruição de outras vidas (Butler, 2019, p. 85-86).

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Os estudos de Butler presentes em Quadros de Guerra muito se relacionam com os casos de assassinatos que serão tratados à frente, pois percebi a aceitação destas violências normalizadas pelas pessoas com as quais conversei sobre o assunto. Histórias que estereotipam esses jovens são contadas levando-os ao lugar de serem falados – mal falados – por pessoas que desconhecem suas reais histórias de vida e pelos que vivem profissionalmente disseminando histórias estereotipadas sobre jovens negros e pobres, levando em conta que os meios de comunicação são, na contemporaneidade, os grandes mediadores entre o sujeito e o mundo (Brasiliense; Ribeiro, 2006).

Como Aganju ressalta, a intervenção dos meios de comunicação, que trabalham de forma precisa na divulgação da história criada após a morte violenta dos jovens negros do Recôncavo, é um exemplo efetivo de como a mídia propaga histórias sensacionalistas. De acordo com o antropólogo, o site Forte do Recôncavo foi criado no ano de 2011, na cidade de Cruz das Almas e atua na região do recôncavo sul da Bahia produzindo conteúdo jornalístico – a grande maioria sobre crimes (Aganju, 2020). Os crimes de morte que tiraram a vida dos jovens que trato neste trabalho foram também cobertos em episódios do Forte do Recôncavo ou de outros espaços midiáticos.

Como atenta Audre Lorde (2020, p.55), “nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para ser ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras das mulheres, de tê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida”. É importante evidenciar que parto de um lugar distante do pensado e escrito por Lorde e que ao mesmo tempo tem suas similitudes, em que nossas falas representam a quebra do silêncio, a vitória sobre o medo, a coragem em anunciar nossa insatisfação. As próximas linhas representam gritos ecoados de onde se toma a oportunidade.

NARRANDO DOR E RESISTÊNCIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA MATERNA: OUTROS MODOS DE CONTAR SOBRE O FATO E A PESSOA ASSASSINADA

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Eu não vi, mas ouvi muito e vivi aqueles dias de violência - me remeto “àqueles” transformando o terrível fato presente e contínuo em um passado. A partir daqui, dando ênfase nas histórias de resistência da mãe, procuro contar sobre a vida dos filhos que foram assassinados pelo Estado brasileiro, numa tentativa de que nossas memórias tecidas em palavras construam sobre a vida destes jovens assassinados a história que reconhecemos como deles e que no ato de sua morte foi distorcida para legitimar seu fim trágico. Apesar de trazer os relatos concedidos pela mãe destes jovens, me preocupo em não cumprir a função de escrever de modo justo sobre suas memórias a respeito dos filhos mortos, mas contribuo e tenho consciência de assim fazer, para que suas histórias não sejam mais a história única contada na emergência dos crimes. Adichie chama atenção sobre a importância das histórias contadas sobre uma pessoa ou mesmo um povo, observando que:

as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar, elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

Com esse intento, dou seguimento à escrita e começo estas narrativas, atraída pela história que narra sobre a vida de Maria, a mãe dos três jovens assassinados. Nascida na comunidade de Baixa Grande em 8 de dezembro de 1973, ali mesmo Maria foi criada e desde cedo iniciou o trabalho de ganho na roça. Na infância trabalhou para ajudar sua mãe e seu pai, ao lado dos três irmãos e das quatro irmãs. Precisavam auxiliar na manutenção da família, fato comum nas histórias relatadas pelas mulheres e homens de Baixa Grande, que desde cedo estiveram na luta para contribuir na assistência familiar. Aos dezessete anos de idade teve o primeiro filho e se considera uma mulher que não teve infância porque aos onze anos já trabalhava no ganho e até hoje continua trabalhando.

O trabalho rural herdou da mãe e do pai, que também vendiam o dia de trabalho nas roças da comunidade ou das comunidades vizinhas; somente assim era possível ter comida no prato. No relato, suas palavras marcam este fato da seguinte forma:

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Ganhava muito fora, a gente trabalhava era pra comer, entendeu? que aquele dinheiro que a gente recebia a gente era pra dar pra mãe pra ajudar pra inteirar pra comprar comida, uma semana a gente comprava roupa, outra semana era pra dar pra mãe e aí minha infância foi essa, minha irmã, e aí depois com dezessete anos de idade eu já tive um menino, e aí eu posso dizer que quase que nem tive infância, e até hoje eu tô nessa luta trabalhano. A minha infância foi essa.

Como é possível analisar, a infância de Maria foi marcada pelo trabalho na roça, e não apenas na roça da família, pois tanto ela quanto o pai, a mãe e seus irmãos e irmãs vendiam o dia de trabalho nas roças vizinhas para o sustento da casa. Maria não teve a oportunidade de estudar. Desde criança trabalhou e muito cedo iniciou a maternidade, aos dezessete anos teve o primeiro de seus sete filhos. A morada se estendeu por quatro endereços diferentes, até o dia que conseguiu ter a própria casa, onde vive atualmente. Se recorda de ter poucas amizades, pois sair aos fins de semana para diversões não esteve presente na infância nem na juventude.

Quando questionada sobre a infância cercada pelo trabalho rural, se houve tempo para as brincadeiras, ela relata: *“Eu não era muito de brincadeira, porque eu mesmo não gostava, eu chegava naquele lugar ali eu começava aquela brincadeira ali pra mim, aquele pouquinho ali tá bom, eu não gostava muito de brincadeira não”*. Com isso brinquei: então você preferia trabalhar do que as brincadeiras? e ela rindo responde: *“eu... sinceramente”*.

Maria vive com seu companheiro há trinta e um anos e três meses antes do período da pesquisa oficializaram a união. Ela explicou que os motivos para se casarem legalmente é resultado das tantas dificuldades que passaram no decorrer da vida por não serem casados *no papel*. Sobre isso ela diz:

Foi casamento comunitário. Aí disse que tava teno casamento comunitário no São José aí eu falei, será que é verdade? ah, vou lá! Aí fui, marquemo, casemo, graças a Deus estamos aqui! A gente deu o nome no CRAS⁴, aí eles pegam jogam no sistema, aí depois o povo de Muritiba, de lá do cartório foi que ligou pro CRAS pra a gente ir lá aí eles marcou.

⁴ Centro de Referência em Assistência Social.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Para ser mais enfática com minha coleta de dados e apresentar do modo que recebi de minha interlocutora sua história de vida, exponho aqui a escrita da forma que Maria, por sua vez, me relatou. Maria é a mulher que me disse: “*Não corro do meu serviço, gosto do meu serviço. É uma coisa que todo dia eu peço a Deus pra me dar vida e saúde, porque a gente sem a saúde, a gente não pode fazer nada, mas a gente com a saúde em primeiro lugar... eu gosto, minha irmã, de trabalhar*”. Isso quando lhe questionei sobre a sua relação com o trabalho, já que a vida inteira ele esteve em sua companhia.

O casamento, como relatado anteriormente, se deu de forma oficial no curso da pesquisa e nesta visita eu perguntei para ela sobre as razões e os procedimentos da cerimônia. Eu quis saber, julgando o ato de casar como mais uma forma de reativar as experiências vividas por essa mulher que tanto perdeu na vida e vive criando sentidos para viver, e então ela me contou. Como diriam as pessoas da comunidade, ela me contou *tin tin por tin tin*⁵:

*Ôh minha irmã, é um progresso, é um problema que quando a gente vai fazer um documento nunca dar certo, aí eu disse, ih, isso tá puxado. Aí eu disse, esse negócio já tá fazendo até vergonha. Aí Inha, mermo quando tava pra ter esse menino ela ia fazer negócio de auxílio maternidade, quando pegou o documento aqui, mermo que a gente é lavrador, a gente pegano os papel tudo, os documento tudo, mas lá eles caça alguma coisa pra falar, aí eu quando fui chegou lá eles mandaram fazer união estável, aí eu disse rapaz, isso não é caro não? Quando fui bater na calculadeira tinha que pagar 250 reais naquela época, não dagora, tem dois anos atrás. Eu tinha que tirar segunda via do meu registro, Olímpio tinha que tirar segunda via do registro dele, tem que tirar segunda via do registro dos minino, aí eu falei, vamo abafar o caso*⁶.

E assim ela contou sobre a necessidade real de ter um documento que comprovasse a união de trinta e um anos com o companheiro, pois ambos, seus filhos e suas filhas dependiam da comprovação lavrada pelo cartório para obtenção de benefícios sociais, a exemplo, o auxílio maternidade destinado a mulheres trabalhadoras rurais na emergência de filhos recém-nascidos.

⁵ Significa detalhe em detalhe, de forma minuciosa.

⁶ É uma referência à expressão “vamos deixar quieto”, “vamos esquecer este assunto”.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Na conversa, interpelei sobre a relação da sua infância com a realidade vivenciada por seus filhos e filhas quando criança. Eu quis saber de Maria, se ela percebia semelhanças ou assimetrias nas experiências que teve quando criança, para as experiências vividas pelos filhos, pelas filhas e pelas crianças do círculo de convivência. Ela pode atentar com a seguinte reflexão: “*As criança de hoje têm a liberdade que a gente não teve. Ôh Jesus, as crianças de hoje têm muita liberdade, que a gente não teve. Porque a gente foi criano, crescono já na roça, naquele ritmo daquele serviço e hoje é difícil você ver uma criança na roça. Não tem*”.

E acrescentou, sobre a atuação dos filhos no trabalho da roça:

Os meu menino eles criou já sabeno da roça, eu me lembro de Ninho quando ele era pequeno, Ninho, o quê? Ele não tinha nem dez anos ainda de idade, ele pegava os pé de fumo eu tava assim na roça, e deixava do mesmo jeito que eu desóiava⁷. Eu tava ali na roça, a gente tava desóiario fumo, teve uma época, eu morava no Mil Peixes, teve uma época que eu tinha tido menino, aí esse menino pegou nessa roça de fumo e lá vai desóiario, desóiario, aí passou uma pessoa no caminho ‘ôh minha senhora, a senhora tira esse menino da roça que ele é pequeno’, aí eu disse: ‘ôh meu senhor, eu sei que ele é pequeno, eu não tô mandano ele fazer nada não, ele que tá aqui desóiario’ – ‘a senhora não tá veno que essa criança não sabe desóiar fumo?’ eu disse: ‘ele sabe meu senhor, ispia aqui’. E de primeiro o fumo era desóiado de duas socas, ele desóiou o fumo e deixou as duas soquinha boa. Aí o homem olhou e disse: ‘é minha irmã, Deus conserve seu filho assim’, aí eu disse: ‘amém!’. E nisso ele ficou, ele é um menino que ele gosta da roça, ele trabalha, ele planta o fumo dele, eu planto o meu, eu ajudo ele, ele me ajuda, graças a Deus.

Com a fala anterior, além de nos permitir entender sua compreensão em relação às alterações nas experiências vividas pelas crianças atualmente em relação ao seu tempo de criança, nos expondo a experiência vivida por seu filho Ninho, desde muito cedo com o trabalho rural, Maria nos dá possibilidades de compreender os ensinamentos de vida que transferiu aos filhos, que de certa maneira se assemelha com a forma como ela própria foi criada. O trabalho da roça, desenhado por ela no ato de rememorar suas vivências na adolescência e na infância, é incorporado nas lembranças sobre a infância dos filhos,

⁷ Consiste em limpar o pé do fumo, tirando as folhas que brotam, mas que não terão serventia para serem cultivadas. Com isso, o pé da planta ganha mais força, produz folhas ainda mais vigorosas após as desolhas e a limpeza das folhas sem valor para a produção.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

tornando perceptível a transmissão dos valores herdados do seu pai e da sua mãe e repassados aos filhos, como em uma fala registrada mais a frente ela deixa evidente.

Dando continuidade à conversa, Maria conta sobre a real necessidade do trabalho na vida de seus filhos, para que pudessem adquirir bens materiais, a exemplo das vestimentas, desde muito cedo. Ela compartilha essa forma de criá-los comigo:

Os outros menino também, sempre também ia pra roça também, sempre ganhava fora se eles quisesse vestir. Porque eu ganhava fora quando comecei ter meus filho, eu ganhei muito na roça dos outros pra poder ajudar dar roupa meus filho. Uma semana eu comprava pra um, outra semana comprava pra outro, mas eu trabaiava direto ganhano, não é dizer que trabaiei somente enquanto eu tava com minha mãe, eu não, aí eu me familiei e comecei no meu ritmo de serviço, trabaiava pra mim, trabaiava fora, trabaiava em minha roça, trabaiava fora.

Tal fala nos permite compreender como a experiência da mulher mãe lavradora é atrelada ao ritmo do trabalho na roça. Se tratando das mulheres de Baixa Grande, Maria aparece como exemplo das tantas mulheres que, além das plantações realizadas em suas terras, vendem o dia de trabalho na roça do vizinho que possa pagar pelo seu trabalho, ou até mesmo nas comunidades vizinhas, contando ainda com a indústria fumageira⁸ situada na região, que em determinado período do ano paga pela mão de obra de muitas mulheres para o cultivo de fumo em suas plantações gigantescas.

Eu poderia facilmente tratar Maria como um espelho das experiências vividas pelas mulheres e ainda pelos homens de Baixa Grande. A falta de oportunidade de estudar é uma das questões corriqueiras que cercam as memórias das mães e dos pais de família da comunidade, que assim como Maria não puderam estudar:

Eu não estudei não fia. Eu não estudei, eu não vou dizer que estudei porque não estudei, não fui pra escola não. A escola da gente era a roça [...] aí depois tinha um Mobral aqui, quem dava ali era Helena de dona Maçú, ia Ana, Maura, sempre ia pro Mobral, aí a gente ia mais as menina, aí a gente ficava ali no canto sentadin, porque a gente era pequeno, mas não estudou não [...] e aquela época pra botar um menino na escola tinha que comprar tudo, ai não tinha condição, a gente não estudou não.

⁸ Hoje com maior ênfase a Danco, indústria produtora de fumo, situada no município de Governador Mangabeira, onde muitas mulheres e alguns homens da região trabalham.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Uma mãe analfabeta que se empenhou para ver os filhos na escola, ela me contou que todos os filhos estudaram, quatro de seus filhos trabalharam de carteira assinada, inclusive os três filhos assassinados, que além do trabalho de roça, por alguns anos viveram no estado de São Paulo a trabalho. No período da pesquisa, a filha mais velha estava grávida e morando em São Paulo, para onde Maria iria para cuidar da filha e do neto no período pós-parto; a espera é por um menino, o segundo filho. Contou sobre a ausência dos netos, filhos de um de seus filhos assassinados, antes muito presentes em sua casa, mas hoje dificilmente estão com ela por razão da distância em que vivem.

Eu perguntei sobre sua importância para a família, buscando entender como ela se percebe no seio familiar sendo mãe de duas filhas e cinco filhos, dos quais sepultou três e avó de cinco netos e uma neta, às vésperas de nascer mais um menino. Perguntei do mesmo modo que desenvolvi a conversa com as outras interlocutoras, mas com uma particular inquietação em ouvir sua resposta. Eu, mais do que uma resposta para meu questionamento, estava buscando neste ato descortinar o entendimento de Maria sobre sua fortaleza. Ao fazer essa indagação, eu buscava, de fato, ouvir em seus relatos o tanto de grandeza que no meu imaginário de mulher que observa uma outra e fica em dúvida se é deste mesmo jeito que a mulher observada se entende no mundo, afinal de contas minha proposta inicial no projeto que culminou nesta pesquisa era, justamente, entender como essas mulheres conseguem continuar vivendo e sustentando a vida da família diante de todo processo de dor e luto que enfrentaram. E para isso Maria me disse: *“Óh minha irmã, que nem mesmo minha mãe quando tá sentindo alguma coisa, tá doente eu tô lá no pé pra ajudar fazer as coisa, é pra ir pro médico é tudo eu faço, tem as coisa em casa pra fazer tudo eu tenho que tá ali pra tá ajudano”*.

Inqueri sobre sua casa, como se dá sua contribuição para o desenvolvimento diário do lar, ao que ela respondeu: *“É a mesma coisa, tudo depende de mim e bem dependido”*. Por se posicionar dessa forma, demonstrando que seria o alicerce da família, como idealizei desde sempre sobre suas experiências familiares, eu quis ouvir mais e experimentar pela autonarrativa sua sublime importância. Eu quis entender em que consistia a frase *tudo*

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

depende de mim e bem dependido, ao que ela disse quando demandei sobre a dependência dos netos:

Ôh minha irmã, isso aí eu não posso dizer... dependia assim, quando Inha tava aqui, quando meu neto que foi eu mesmo quem criei eu que dava tudo. Era eu e Olímpio, era Ninho. Era um remédio era tudo, tudo quem dava era eu, se tava doente era eu, era um remédio comprava fiado na mão dos outro só pra pagar de Bolsa Família. Que nem as veze na época você não tava trabalhano, não tinha um serviço nem nada, mandava, chegava lá comprava aquele remédio pagava..., mas depende sim, depende.

Enquanto falava, percebi que Maria cobrou memórias que lhe fizeram modificar sua narrativa em relação à dependência dos netos. Foi importante perceber, ainda, que a rede de apoio familiar se estabelece a partir dela, no entanto, o marido e o filho mais velho fazem parte desse fio de apoio diante das necessidades que a família atravessa, criando em seu seio um lugar menos difícil diante das tantas dificuldades. Com isso ela continuou:

O outro mermo, os menino de cá mermo quando o pai morreu eu levei um ano e pouco sustentano, eu comprano as coisas e mandano, comprano as coisas e mandano, aquele dinheirin da Bolsa Família que recebia era comprano as coisa e mandano, até quando eles conseguiu receber a pensão do pai.

No momento em que os netos, filhos de um de seus filhos assassinados, começaram a receber a pensão pela morte do pai, a carga financeira de Maria diminuiu; ela deixa isso evidente na passagem anterior. Ela me contou que a neta, filha do último filho morto, não recebe pensão porque a mãe não quis fazer os documentos para isso. Em relação a este assunto, abriu um pouco das questões que cercam a situação, ao que pude entender, um certo atrito entre as famílias, sendo que a criança está distanciada da avó paterna, ao que Maria, logo após contar parte da situação, me disse: “*eu sou gente de ouvir, mas eu não digo, não, se eu ver torto, torto eu deixo, se eu ver aleijado, aleijado eu deixo*”. Isso para evidenciar a não insistência para que a mãe da neta procurasse os direitos de a menina receber a pensão.

Atualmente vivem com Maria e seu marido, Olímpio, um filho e uma filha, sendo os dois caçulas, já o filho mais velho e uma outra filha vivem em São Paulo. Ela contou

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

que apesar de ser evangélica há cinco anos, considera seus afilhados assim como fazia enquanto participava da Igreja Católica e realizou os batismos. Tem dois afilhados e uma afilhada aos quais considera como se fossem filhos e filha.

No roteiro seguido por mim para nortear a conversa com minhas interlocutoras, eu levantei a questão sobre seu posicionamento acerca da atuação da polícia e da justiça, assim como questões já expostas no texto e outras que ainda aparecerão. Ao ser indagada sobre a atuação da polícia, Maria me surpreendeu em dizer que a polícia protege e com isso ela deixou aparecer a ambiguidade do ato policial, me dizendo: *Protege. Tanto eles mata como protege*. Ela não revelou detalhes de quais pessoas são protegidas nem quais são mortas, mas demonstra coragem e compromisso com uma lógica acerca do comportamento da Polícia Militar, designada a proteger e matar. Com isso, vale lembrar Aganju (2020), que discorre sobre a violência exercida pelo poder colonial, levando em consideração que a polícia se trata de um mecanismo operacional de matar, transmitir terror, vigiar e controlar grupos historicamente marginalizados dentro de fronteiras nacionais (Mbembe, 2003; 2018; 2019 *apud* Aganju, 2020, p. 27).

De acordo com Eduardo Rocha (2016, p. 164) “o padrão homem, jovem e negro parece ser uma ameaça à vida social. Mesmo os negros mais velhos, os sobreviventes, enfrentam problemas com os militares, se juntar mais de um num carro ou em uma motocicleta vira isca da polícia militar”. Numa análise da fala de minha interlocutora, mulher preta, mãe de três filhos assassinados, sendo dois deles pela polícia e os antropólogos expostos, é perceptível como se dá a proteção e a morte por parte da polícia.

Nascida e criada em Baixa Grande, como já ficou transparente em parágrafos anteriores, questionei Maria sobre seu gosto por viver na comunidade onde nasceu em casa amparada por parteira, tem vínculos sanguíneos e de amizade, onde se tornou mãe da maior parte dos filhos, visto que alguns nasceram no curto período em que morou fora, criou seus filhos e filhas e chorou a dor da perda de três deles. Em sua resposta, ela deixa transparecer o trauma gerado pelas perdas usando outras palavras:

Não minha irmã, não acho ruim não. Pra mim tá bom demais. Até uns tempos atrás eu vou dizer sinceramente, se eu achasse assim um lugar, pra dizer assim, eu vou embora daqui eu não morava mais aqui, mas sinceramente, enquanto Deus quiser eu tô aqui [...] não é por conta da

”Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

comunidade não, graças a Deus que não, é porque às vezes a gente mora no lugar, a gente vai vivendo cada tipo de violência, cada tipo de coisa e aí a gente fica com trauma.

Eu entendi qual o período a que Maria se referia ao dizer *tempos atrás*: foi o período que para nós, moradores e moradoras de Baixa Grande, foi tempo de ter medo dentro de nossas casas, pois a violência se fez rotina e convivia conosco, sendo bem próxima de nós nas vezes em que a notícia de que alguém foi assassinado em uma de nossas estradas, na luz do dia, como veremos adiante em seu relato sobre o assassinato do segundo filho. Essa fala de Maria traz ainda a quase perda de valor da identidade que ela carrega de mulher de Baixa Grande, considerando que houve um momento que, para ela, ir embora da comunidade seria uma solução para diminuir a dor advinda da violência.

Como ela mesma deixa explícito, Maria de nada discorda. Está satisfeita com sua identidade de mulher negra, inclusive diz achar ótimo e ser feliz com a origem que tem. Sobre ser mãe, tem o mesmo posicionamento, se sentindo mais à vontade para falar sobre sua condição de mãe, ela expõe:

Acho muito bom. Eu... eu me acho, como é que diz? Que eu sou uma mãe muito guerreira, vitoriosa em nome de Jesus, eu só tenho que agradecer a Deus, porque hoje eu falo: se meus filho não me ouviu não foi por conta de dizer assim, eu não tive mãe pra me dar educação porque teve e tem, teve e tem porque o mais que eu fiz foi dar educação pros meus filho, se eles não aprendeu, porque a gente ensina aqui e o mundo lá fora ensina de outro jeito. Porque às vezes a gente ensina coisa boa, o mundo ensina coisa ruim, às vezes anda com certo tipo de gente [...], mas educação a meus filho foi a coisa mais que dei, que todo dia eu falo: meus filho segue esse caminho que foi o que minha mãe ensinou a gente. O mesmo que mãe ensinou pra mim, eu também ensinei a eles.

Neste tópico, Maria sintetiza minhas impressões que estão além das sensações possíveis a uma pesquisadora. Ela corrobora aquilo que sinto por conhecer seu curso de vida antes de perder o primeiro filho. Sendo ela amiga de minha mãe desde a infância, eu cresci vendo seus filhos crescerem também, apesar de ser alguns anos mais velha que o filho mais velho dela, e quando ela me disse *sou uma mãe muito guerreira*, ela fez o uso das palavras que tenho para defini-la.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Foi provando ser essa mãe, mulher preta guerreira, que ela relatou como se deu a perda de seus três filhos. Não somente pela coragem de contar sobre o fato para mim, que estou me valendo das suas memórias para construir um trabalho acadêmico, mas ainda pela força na palavra, pela coragem de lembrar, por dar prosseguimento à vida e por contribuir para que toda a família continue, me fazendo revolver a dor vivida no dia que as notícias da morte de seus filhos chegaram para nós e como não me restam dúvidas, ela também sentia enquanto relembrava e falava. Ao tempo que registro aqui suas narrativas sobre os fatos, revisito minhas memórias mais uma vez e as trarei aqui no registro fiel de como vivi a triste sensação da perda dos meus vizinhos.

Neste dia, quando cheguei à casa de Maria e perguntei sobre sua saúde e da família, posto que essa é uma forma de saudação nos encontros entre pessoas da comunidade e puxei conversa ainda sobre a viagem para São Paulo, da qual ela me falou com alegria, explicando os motivos de ainda não ter viajado, ela passou a contar sobre a existência de cistos mamários, o que exige visitas periódicas ao médico para acompanhar o desenvolvimento e retirada de líquido nas mamas e, por ainda não ter conseguido passar pela consulta de rotina, não pode viajar, além de falar sobre a saúde dos demais membros da família e procurar saber notícias dos meus familiares.

Na visita anterior procurei saber se ela guardava o enxoval do batizado dos filhos e das filhas, se havia fotografias de infância ou de alguma época especial, para que a partir desse objeto apresentado pudéssemos desenvolver a conversa enfatizando o momento possível de ser memorizado. Nesta visita o filho e a filha caçulas que vivem em casa contribuíram nas lembranças, riram um pouco do que foi dito um em relação ao outro. Quando a mãe não conseguiu lembrar as madrinhas de batismo dos irmãos já falecidos, tanto o menino quanto a menina ajudaram, citaram nomes das madrinhas e dos padrinhos. Apenas as roupas de batismo da filha mais velha estavam guardadas. Ela contou que serviu como vestimenta para a caçula, me mostrando o vestido e os sapatos, já um pouco gastos pela ação do tempo, mas que estavam bem guardados; a filha teve dificuldade de achar no guarda roupa e ela contou que guarda numa sacola plástica e que, ainda assim, perderam a cor. Seus filhos e filhas nasceram todos em maternidade, sendo que sempre tiveram saúde, nunca precisando de internamentos nem acompanhamento médico.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Os umbigos dos filhos e das filhas, como ritual sagrado na comunidade, foram enterrados no quintal de casa. Guardado ela tem somente o umbigo da filha caçula, o qual julga já está em tempo de enterrar porque, nas palavras de Maria, “*a gente só deixa enquanto o menino tá pequeno, depois a gente enterra*”, e dessa forma se dá na comunidade. As mulheres guardam o umbigo porque alguns males que podem recair sobre o recém-nascido, ou nos primeiros anos de vida da criança, podem ser curados com o chá preparado com o umbigo⁹.

Eu busquei conhecer suas lembranças sobre a infância dos filhos. Queria saber das coisas que ela guarda na recordação sobre os que foram mortos, mas também sobre os vivos. Não tive êxito, Maria puxou pela memória – ou me deu impressão de assim ter feito – e me retornou: “*É porque menino quando tá pequeno sempre faz graça pra a gente, mas dizer que eu lembre...*”.

Por não ter sucesso nas tentativas de revisitar mais memórias da infância dos filhos, iniciei questionamentos sobre quais soluções foram dadas em respeito às mortes de seus três filhos, ao que ela relatou que somente no caso do primeiro filho registrou queixa, mas nunca foi feito nada. No caso do segundo filho, foi procurada para que registrasse a queixa, mas já não tinha estímulo para isso, estava desacreditada, não quis levar adiante dizendo que “*já morreu, eu não ia ter ele de volta [...] não foram punido foi nada minha irmã, ainda mais que foi polícia*”. A partir daí ela inicia o relato dos fatos sem seguir a ordem que aconteceu. Primeiro me contou sobre a brutalidade que fizeram com o segundo filho assassinado:

Leninho foi época de São João, ele foi em Cabaceiras ver os menino, quando vei de Cabaceiras pra cá, eu já tava até deitada, ele disse: “ôh mainha eu vou aqui e vorto”, eu falei “tu vai pra onde? Vem embora, esse negócio de sair pra bestar uma hora dessa, eu vim da igreja agora, tu vai sair pra onde?”, “ah, eu vou aqui não demoro não”. Ai nessa conversa aí tinha outro que tava mais ele e disse: “umbora rapai, umbora rapai” [...] aí desceu [...] “ôh mãe a senhora não tá lembrada que hoje é dia de Santo Antonio não?”. Ai eu disse “vai caçar o que fazer menino passa pra dentro de casa”, aí lá ele se foi. Depois eu vi um carro passou aqui e uma moto gritano em cima do carro.

⁹ Pode curar dor de barriga no bebê e, em caso de infecção nos olhos, o chá do umbigo pode ser usado também para lavar os olhos do bebê.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Nesta parte do relato, minhas memórias se encontram com as de Maria. Eu também ouvi, naquela noite de Santo Antônio, o alarme da moto por volta da meia-noite. O mais distante da tranquilidade que pude ir em meus pensamentos naquele momento foi pensar que poderiam ter tomado uma moto de assalto aqui por perto, mas que não iriam longe porque o alarme já havia disparado. No dia seguinte, antes que eu saísse para o trabalho, minha mãe trouxe a notícia de que a polícia havia assassinado *os meninos*, jogado seus corpos e sua moto na carroceria da viatura, passando pela frente da casa de Maria e da nossa casa. Nunca se passou para mim que junto à motocicleta com alarme ativado estavam os corpos inertes do meu vizinho e do seu amigo, tratados como coisa sem valor, na carroceria do camburão da Caatinga.

Sobre a organização da Polícia Militar em questão, Aganju analisa que a Caatinga é parte das **Companhias de Agrupamentos Especializados**, caracterizadas por serem batalhões que possuem sede própria, carga de armamento bélico particular, viaturas e uniformes padronizados e treinamento especializado em combate urbano e rural (Aganju, 2020). É com esse poder de disseminar o rastro da morte que entram em nossas comunidades espalhando dor e terror.

A respeito deste assunto Aganju (2020) observa que:

[...] as **Companhias de Agrupamentos Especializados** foram criadas na Bahia pela Lei Estadual nº 8.636 no ano de 2003 e tem por função atuar em: ocorrências de maior gravidade, realizar patrulhamento nos setores considerados de maior periculosidade e adotar ações repressivas contra o tráfico de drogas, além de realizar a primeira intervenção em ocorrência de crises. Atribuições estas, que levam essas Unidades a uma maior exposição, representando o efetivo que, empiricamente, apresenta o maior número de registros de autos de resistência (Santos, 2016, p. 78 *apud* Aganju, 2020, p. 157).

Ao saber da notícia, imaginar a cena, deixar *os meninos* ocuparem seu lugar de humanos, eu me senti muito mal. Eles foram tratados como se fossem animais abatidos que, após serem sacrificados, são carregados para o frigorífico onde devem ser repartidos. Naquela manhã senti enjoo, revolta, dor, tristeza, empatia e necessidade de sair para trabalhar. Foi trabalhando que ouvi um dos raciocínios que me ajudou a escolher esse

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

tema para pesquisa: *ainda bem que eles encontraram a polícia*. Em resposta à notícia da morte dos dois meninos, alguém no meu percurso de trabalho intercalou essa frase.

Maria continuou seu relato sobre o momento em que ouviu o alarme da moto do filho e o barulho do carro

ai que acordei, primeiro a dor de barriga começou, eu disse ‘essa moto é de Leninho’, oxen, aí pouca hora o povo chegou aqui contando. E daqui eu ouvi os tiro [...] da vez que aconteceu aquele caso com ele¹⁰, ele tinha medo de polícia, ele tinha horror de polícia. Um dia ele falou comigo ‘ôh mainha, se eu passar no lugar e tiver uma blitz de polícia eu prefiro morrer de que passar’. Ainda o dia que ele falou isso comigo, eu falei, ‘meu fi, não fala essa conversa’, mas eu pensava que ele falou aquilo uma brincadeira. Mas foi uma verdade.

E ela continuou lembrando os fatos que destruíram a vida dos filhos:

E Tino, eu nem sei como foi que fizeram aquilo com o menino, porque naquela época tava cheio de coisa ruim¹¹ aí mesmo, aí ele tinha chegado de São Paulo, ele tava aí depois ele saiu. Eu tinha descido pra casa de mãe, aí eu voltei e disse a ele ‘ôh Tino, as coisa aqui a gente tá andando de ponta de pé e com medo, dar boca de noite a gente tá tudo pra dentro de casa, porque tem um que tem aí que ele não chora pra matar gente’. Ele disse ‘vai caçar o que fazer mainha, não tô com medo de ninguém, não devo nada a ninguém, não faço nada a ninguém’, eu disse ‘eu sei meu fi que a gente não fez nada a ninguém, nem deve nada a ninguém, mas ninguém tá livre da intenção do inimigo’. Aí passou, todo mundo de boa, quando foi a boca da noite eu tava na casa de mãe, aí Tino passou depois voltou, disse que entrou aqui dentro de casa e desceu pro São José. Quem foi tava seguino ele.

O fato mais recente, com o terceiro filho, ela mais uma vez não hesitou em narrar:

¹⁰ Época em que o filho se envolveu numa confusão e acabou preso por alguns meses.

¹¹ O coisa ruim seria uma espécie de pessoa envolvida com atividades ilícitas e que pratica crimes dentro da comunidade ou pela região. Era a isso a referência de Maria. É assim também que Moreira (2021) destaca a fala de uma de suas interlocutoras, dona Marinalva, quando se refere ao coisa ruim e coisa boa da rua em que mora na cidade de Cachoeira-BA. Moreira levanta a seguinte questão: O “coisa boa” que ela se refere remete ao sentido de *limpeza*, como tratamos mais acima, o rapaz que não é *envolvido* com o tráfico ou qualquer tipo de criminalidade ele é diferente na visão dela do que é *envolvido*. O que ela planejou para seu filho na sua criação, destacando as dificuldades em conseguir essa missão com a falta do pai biológico, que logo foi substituído pelo padrasto, é que seu filho não entre no crime, por saber exatamente que ele correrá mais riscos de ser morto ou preso, fazendo dele o “coisa ruim” (Moreira, 2021, p. 64).

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

E Ildo, Ildo foi teimosia, porque não me ouviu. Se tivesse me ouvido todos três, porque falar a verdade se esses menino tivesse me ouvido nada tinha acontecido, mas como é que diz? As mãe reclama os filho, você fala alguma coisa o mundo lá fora ensina, é que nem Leninho, eu tô chamando ele pra dentro de casa e o outro tá lá fora chamando umbora, ligeiro né? Panhou o caminho e foi embora. Ildo praticamente que Ildo não tava nem morano aqui dentro de casa mais eu. Saiu de dentro de casa porque disse que tinha arrumado uma mulher, e ‘eu tô com essa tal mulher, eu tô com essa mulher’, e aí depois quando eu vim saber quem era essa mulher, porque ele não me falava nada, não falava nada com ninguém dentro de casa, quando fui saber a mulher que era mesmo, a mulher era as drogas que tava tudo junto com eles lá. Aí lá aconteceu não é? Eu não pude fazer nada, eu só entrego tudo nas mãos de Deus, porque eu tenho certeza que mãe eles teve pra educar, porque o mais que eu fazia era pra dar educação pra meus filho, pra reclamar meus filho no que tivesse certo, no que tivesse errado, eu tava ali puder agir eles né? Eu tava ali pra agir eles, mas né todos que me ouvisse, por isso que aconteceu.

Nestes relatos, há de concreto, a consciência de Maria do quanto ela foi eficaz na criação dos filhos, de como não falhou no seu papel de mãe e ao mesmo tempo que justifica, de certa forma, as mortes com a desobediência dos filhos nas vezes que ela alertou para não saírem e não andarem com as pessoas erradas. Ela compreende que os filhos foram pessoas boas, trabalhadores que perderam a vida injustamente, mas foram onde não deviam, com quem não deviam, fazendo o que não deviam, como no caso do último filho assassinado. Retomando Sacramento (2021), sobre os *nãos* que cercam a vida negra, ele articula: “Penso que se eu não almoçasse, não pedalasse suave, não contemplasse a natureza, não estaria catorze horas na avenida mais movimentada de Salvador e um tiro não transpassaria minha perna” (Sacramento, 2021, p. 08).

Talvez seja o parágrafo seguinte que mais vislumbre a oportunidade de contar uma outra história sobre seus três filhos. Foi nesse momento que Maria contou dos filhos que ela criou, com os quais convivia. Ela contou sua versão da história oportunizando outros sentidos para a vida *dos meninos*, como nós costumamos tratar nossos vizinhos, contrapondo a história oficial disseminada no ato da violência que nos arrancou a vida deles.

Tentando não incorrer no excesso deste parágrafo, mas valorizando a extensa narrativa da visão de Maria sobre a vida dos filhos, trago aqui seu relato:

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

Eu não tinha meus filho como uma pessoa ruim não, porque eles me amava. Eles era uma pessoa tão sincera comigo. Só se veno como era meus menino comigo. Onde tinha Leninho, Leninho brincava comigo só se veno, Leninho deitava na minha cama, Leninho deitava no meu colo, só se veno Leninho tinha maior carinho comigo, se ele chegasse dende casa: ‘ôh mãe, a senhora já comeu?’, eu não, ‘vai comer mainha’, só se veno, ele me ajudava fazer as coisas dentro de casa, ele limpava uma casa, ele botava um arroz no fogo, Leninho sempre me ajudou a fazer as coisa. Era um feijão pra botar no fogo, ele ia botava aquele feijão no fogo, ele sempre era aquele menino carinhoso. Tino do mesmo jeito.

Ildo era mais grosso. O que Ildo gostava era de trabalhar na roça. Ildo trabalhava. Ildo não fugia de serviço. Ildo podia ter o serviço que fosse, pode ser capinar, onde fosse chamava ele, ele ia. Ildo não fugia de serviço. Se dissesse assim: ‘ôh Leninho, umbora pra roça ou tu vai fazer alguma coisa em casa?’ ele preferia ajudar em casa e Ildo preferia ir pra roça. Ildo a gente plantava fumo de meia¹² ali em seu Antonio, Ildo ajudava a gente do princípio ao fim. Até hoje eu paro assim, eu fico pensando como é que Ildo se acabou assim [...] Ildo trabalhava tanto que eu chegava tinha hora que ficava até com pena, quando ele chegava em casa, ‘ôh mainha me dar um de comê aí’, eu botava aquele de comê, aquele menino chegava cansado. A mão do menino andava tudo pocada assim ôh (mostrando as mãos), de calo, de tanto ele trabaia.

Se trata do filho caçula este último citado. Assassinado aos 23 anos, no mesmo mês e semana que completariam três anos do assassinato do segundo irmão também pela polícia. Sem antecedentes criminais, como Maria mesma confirmou quando lhe perguntei se em algum momento do curto tempo que viveu, Ildo havia sido preso: “*Ildo nunca foi preso não. Ildo não. Mas ali foi [...] sei lá, chamaram ele, influenciaram ele pra sair pra poder vender aquilo, tomar conta daqueles negócio. Foi por isso que aconteceu, mas se não fosse isso Ildo tava vivo. Era tanto conselho, eu só faltava morrer de dar conselho a Ildo*”.

E ainda assim, sem antecedentes, ele foi morto, enterrado e aceito como envolvido no tráfico de drogas local. Neste sentido, a morte de Ildo simboliza mais uma vida perdida em função do combate ao tráfico de drogas no estado da Bahia. De acordo com Aganju (2020), o Governo do Estado realiza vasto investimento em segurança pública com programas de enfrentamento ao tráfico de drogas e que são executados numa política

¹² A meia consiste em realizar a plantação no terreno de uma outra pessoa. Quem planta tem a função de cuidar, realizar todo o processo que a roça exige, sendo que o saldo é dividido com o dono do terreno.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

extremamente letal no confronto com corpos negros em periferias dos grandes centros ou/e nas comunidades do interior, assolando especialmente a vida dos homens pretos. Em relação a isso, o Atlas da violência 2017 analisa que:

A letalidade e a vitimização policial que a ela se associa são produtos de um modelo de enfrentamento à violência e criminalidade que permanece insulado em sua concepção belicista que pouco dialoga com a sociedade ou com outros setores da administração pública (Cerqueira *et al.*, 2017, p. 22).

Na verdade, a implantação das políticas de enfrentamento ao narcotráfico se configura em mais uma política de não aceitação da pessoa negra na sociedade brasileira, fato substancial para a formação da mesma. Sendo que o direito à vida não é respeitado quando o assunto são corpos negros e, por isso, a violação é aceita como normal.

Ao que Aganju chama atenção:

[...] para Campanha Reaja ou será Mort@, Segurança Pública deve ser pensada em uma perspectiva que tenha a vida da pessoa humana como bem inviolável, sobretudo, em um contexto histórico de uma nação onde parte de sua população – negros/as – tiveram seus direitos enquanto humanos positivados na jurisprudência apenas a partir de 1888, antes desse período, pessoas negras no Brasil eram consideradas coisas, objetos, patrimônio (Aganju, 2020, p. 20).

Depois de rememorar a vida dos filhos, os fatos que culminaram nas mortes, as formas de existir para ela no seu papel bem realizado de mãe, Maria voltou a falar do seu processo de luto, dor e revirada para continuar a vida. “*Eu hoje se eu não tivesse na igreja, acho que nem falava mais de mim. Falava porque o nome não morre. Eu levei três anos sem dormir. Três anos sem dormir*”. Diante da minha expressão de espanto, que não consegui internalizar, ela continuou:

Sério, de verdade. Três anos minha irmã, até poucos tempos [...] eu via anoitecer e amanhecer [...] eu me lembro que depois que meu filho morreu, eu me lembro que eu dormir um sono assim, que eu tava deitada e aí Tino tocou a mão em mim e disse: ‘ôh mainha, não fica assim não, dorme’. Eu dormir que quando acordei era mais de oito hora. Eu amanhecia e anoitecia. Um dia mesmo eu tava deitada, quando eu tava

”Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

deitada eu via aquele negócio vim assim, me pegou de cima da cama, eu vi suspender. Você não ver assim uma palha de bananeira seca? Foi a mesma coisa assim, que lá ia me levando, que na hora que me pegou assim veio aquela luz. Até hoje meditano assim, parece que tô veno. Veio aquela luz com gesto daquela mão que me pegou assim e colocou encima da cama. Aqui eu fiquei assim [...].

Sempre eu ia pra igreja, mas eu carregava um fardo dentro de mim, eu não tinha raiva de ninguém, mas aquela dor não saía. Quando foi um dia eu vinha do fundo da cozinha, do chiqueiro do porco pra cá, aí não sei, de um nada, foi como se um negócio dizia assim: ‘ajoelha aqui’, ali mesmo ajoelhei no meio do terreiro, o sol tava quente, foi. Ali mesmo eu ajoelhei, ali mesmo a lágrima caino e eu pedino a Deus, como era que eu ia pra igreja daquele jeito? Com esse coração daquele jeito? Como era que eu ia aceitar Deus com esse coração atribulado com tanta dor? Não tenho raiva de alguém, não tenho mágoa de alguém, mas meu coração não suporta mais.

Pronto, isso aí foi ino, foi ino. Deus me ajudou, foi passano dia, passano dia, quando eu tava deitada eu vi aquele gesto daquela mão no meu coração e eu disse assim: ‘oi Deus!’, quando eu disse assim, acordei em planto de riso e acordei em planto de riso e o povo dormino acordava perguntano ‘é o quê que mainha tem que tá rindo assim?’ eu chorava de tanto ri. Depois disso aí, acabou [...] eu tô aqui pela obra de Deus. Um dia mesmo eu falei ôh Deus, eu sei que as pessoa olha pra mim com olhar de pena, mas eu não quero que ninguém olhe pra mim com olhar de pena. Eu sei que eu levei três anos sem dormir, depois disso que dormir. Também eu levantava de manhã, abria a porta, pegava meu camin e ia pra roça [...] eu trabalhava, fazia tudo, mas dormir eu não dormia. Por isso eu foquei meu coração em Deus e na igreja.

Mais um parágrafo extenso que será seguido por outro para finalizar a contribuição de Maria nesta escrita. Suas narrativas trazem o modo como rememora seus filhos e, além disso, Maria narra como os filhos, pós-morte, estiveram presentes em alguns momentos da sua dor numa incessante tentativa de reduzir seu sofrimento, aliviar seu martírio e aflição. Isso aparece nos relatos anteriores e, para encerrar, por ora, sua vasta contribuição, trarei mais uma de suas narrativas em que os filhos, arrancados da vida de forma brutal, insistem sendo presença. Eu voltei ao assunto sobre o filho que lhe acalentou em uma das noites atribuladas, na qual ela pode desfrutar do sono que se fez ausência por três anos. Quis saber como ela havia percebido aquela aparição, se havia se

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

dado de forma concreta ou se ela havia sentido a presença de Tino depois de ter dormido, em sonho. Ao que ela relatou:

Eu achei que ele viu meu sofrimento, que eu tava sofrendo demais. Eu achei que ele tocou em mim pra ver se eu dormia qualquer tantin [...] eu via Tino direto, sempre eu sonhava com Tino, sempre eu via Tino tocando em mim. Chegava data do aniversário dele eu via Tino. Chegava em mim, conversava. Era Tino entrano dentro do quarto. Sempre eu via. É porque sinceramente, os menino meu quando morreu, eles morreu assim [...] foi por falta de obediência porque eu sempre falava, porque os menino era desobediente, se tivesse me ouvido eles não tinha morrido. Porque quando algo ia acontecer eu já sabia, eu chegava pra eles e contava, ‘meu fi tá passano por isso e isso’, mas só que eles não levava a sério.

Quando de Leninho mesmo, eu vi antes de acontecer aquela pessoa. Aquele bocado assim, era polícia com a arma já apontada para atirar. Eu sei que do jeito que tava, eu sei que eu tava assim de um lado aí eu gritei que ‘não’, quando gritei veio assim, que nem um homem assim que pulou pro chão e aí tinha dois meninos assim do lado e eu segurano a mão dos dois menino. Aí eu disse ‘ôh Leninho tu pelo amor de Deus não sai que eu sonhei isso e isso’, ‘tá bom mainha, eu não vou sair não’. Ele levou tanto tempo, foi passano [...] relaxou, voltou sair de novo. Aí depois que ele morreu tinha uns dois dias ou três, aí eu tava sentada aqui, toda desconsolada, aí veio o menino dele, chegou na minha beira e sentou. Aí disse ‘ôh vovó, ôh papai ali ôh’ ele viu dentro de casa ‘ôh papai ali vovó, papai tá passando na porta, segura vovó, segura minha mão’, aí eu segurei a mão dele e fechei o zói, aí quando fechei o zói ele disse ‘pronto vovó, já passou’. O que lembro de Leninho, sei lá, Leninho era um menino gracista né? Paiacento. Oxen, eu me lembro depois que Leninho morreu, ele tinha um costume de quando eu tava deitada ele vinha chegava dentro do quarto e puxava meu pé. Eu dizia ‘para Leninho, para de puxar meu pé’. Era ele entrar no quarto puxava meu pé, oxen, quando Leninho morreu eu sonhano um dia Leninho puxano meu pé. Leninho brincava mais eu que só se veno.

Enquanto esboçava um leve sorriso, ela compartilhava mais essa recordação do filho. E para de fato encerrar seus relatos que reviram a memória e que mais e mais seria possível a ela relembrar, Maria me disse: *“Eu entreguei nas mãos de Deus. Eu entreguei nas mãos de Deus. A justiça quem toma conta e a justiça maior é de Deus. O trabalho da roça ajudou demais, tirava aquele rancor todo na roça”*.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já exposto por toda a escrita, eu estive neste período pesquisando o conhecido, fato que me trouxe desafio, medo, insegurança e acima de tudo coragem pela importância e significado que construir este trabalho tem para mim e para minha comunidade. Cuidei muito para que teoria e campo não se confundissem, para que a pesquisa não se estabelecesse apenas em método. Ir a campo não poderia ser um movimento cru exigido pela disciplina acadêmica, convertendo minha relação pessoal e comunitária em experiências logradas pela neutralidade. Deste modo, penso eu, poderia transformar minha sensibilidade diante do que escolhi como estudo. A necessidade da pesquisa era justamente que essa mulher falasse, fosse entendida e entendesse o diálogo que travei a partir de suas contribuições. Busquei realizar, através de roteiro, a pesquisa de campo com questionamentos que originassem as falas da minha interlocutora, investindo para descortinar nuances que supus estarem ocultas no silêncio da rotina diária da comunidade e que ao mesmo tempo não expusesse o que se tratava de confidência.

Através do roteiro que optei por seguir, sensibilizei o campo, ao tempo que fui sensibilizada pelo que o campo me ofereceu ao lidar com a memória, e não somente possibilitei que minha interlocutora revisitasse o passado vivido, tive a oportunidade de fazer eu mesma essa travessia e ser atravessada pelas lembranças, das quais muitas são dolorosas, mas outras muitas são de alegrias e todas elas são responsáveis por nos formar enquanto mulheres.

O texto não se debruça na atuação militar no território brasileiro. O interesse primeiro deste trabalho é expor como em partes do território nacional a atuação policial produz violência ceifando vidas negras para além do corpo que morre.

As notícias chegam até nós com detalhes de como aconteceram os fatos, têm sempre testemunhas que relatam, me lembrando que vivo como rotina o que escolhi para pesquisa, sendo permitido de fato compartilhar sensações, sentimentos, emoções e, como observam Venson e Pedro (2012), significados culturais com o grupo em assunto.

É importante enfatizar que a empatia que fortalece a vida das famílias fragilizadas com perdas de seus filhos vítimas da violência é relevante, mas preciso dizer que noticiar

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

a impunidade dos criminosos que tiraram e continuam tirando a vida de meus vizinhos me traz bastante dor e mostra quão descartáveis somos, não existe lei que proteja nossas comunidades, nem que cobre por essas mortes, como está retratado no recorte desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. Tradução: Júlia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGANJU, Fred Ferreira. “**MAAFA: Políticas de morte no contexto da guerra racial de alta intensidade na Bahia contemporânea**” Programa de Pós-graduação em estudos étnicos e africanos, 2020. Tese de doutorado. Disponível: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34572>. Acesso em 18/04/2024.

ALVES, Jaime Amparo. Inimigo Público – A imaginação Branca, o Terror Racial e a Construção da Masculinidade Negra em “Cidade de Deus”. In: PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. Costa (org.). **Antinegitude: o possível sujeito negro na formação social brasileira**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. 235 p.

AVELAR, Laís da Silva. Sem Nenhum Alvará Para Entrar: as bases comunitárias de segurança e a radicalização da morte. In: FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro; OLIVEIRA, Thula Rafaela de (org.). **Rebelião**. Brasília: Brado Negro: Nirema, 2020. 305 p. p. 46-57.

BRASILIENSE, Danielle Ramos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “Matança dos Inocentes”: questões de memória e narrativa jornalística. **Portcom**, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/110910778876295971811745218657721207232.pdf>. Acesso em: 04 maio 2022.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?** Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão de tradução: Marina Vargas. Revisão técnica: Carla Rodrigues. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 288 p.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2017**. São Paulo: IPEA; FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8891-1250-170602atlasdaviolencia2017.pdf>. Acesso em: 08 maio 2022.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução: Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

“Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N. 1 edições 2018.

MOREIRA, Danrlei de Oliveira. **CÊS ACHARAM QUE EU IA MORRER CEDO?** – Narrativas e Projetos de Vidas de Jovens Homens Negros em Contexto de Antinegritude, Uma Análise do Bairro Rua da Feira em Cachoeira – Ba. Trabalho de conclusão de curso. Cachoeira, 2020.

PINHO, Osmundo. “Tiroteio”: Subjetificação e Violência no Pagode Baiano. *In*: PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. Costa (org.). **Antinegritude**: o possível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. 235 p.

ROCHA, Eduardo. “Programado Pra Morrer”: A Vida e a Morte da Juventude negra no Rap dos Racionais Mc’s. *In*: PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. Costa (org.). **Antinegritude**: o possível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte; Fino Traço, 2016. 235 p.

ROCHA, Luciane. De-matar: Maternidade Negra Como Ação Política na Pátria Mãe (Gentil?). *In*: PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. Costa (org.). **Antinegritude**: o possível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. 235 p.

SACRAMENTO, Melquisalém. **Para Desgraça**: Uma Quarta Para Não Esquecer. 1. ed. São Paulo: Selin Trovoar, 2021. 48 p.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. (2012). **Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia**. *História Oral*, 15(2). Disponível em <https://doi.org/10.51880/ho.v15i2.261>. Acesso em 04/05/2022.

Recebido em: 22/02/2024
Aprovado em: 23/03/2024

”Protege! Tanto eles mata como protege”: memórias e narrativas de uma mãe sobre vida, violência e assassinato de três filhos na Comunidade Quilombola de Baixa Grande – Edna Balbina dos Anjos dos Santos – p. 62-88